



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

36 – MONÓLOGO DRAMÁTICO E OUTRAS FORMAS DE FICCIONALIZAÇÃO DA VOZ POÉTICA

Coordenadores:
Prof. Dr. Vagner Camilo (USP)
Prof. Dr. Alexandre Pilati (UnB)

1) Lírica, classe e enfrentamento – notas sobre o monólogo dramático na poesia de Langston Hughes

Profa. Dra. Chantal Castelli
UNB

Resumo:

Para o poeta afro-americano Langston Hughes (1902-1967), não há arte verdadeira descolada do processo social que a engendra, da identidade e das origens de seu autor. Em seu segundo livro, *Fine Clothes to the Jew*, Hughes dá voz aos negros da classe trabalhadora e aos marginalizados para que cantem a beleza e o horror de suas vidas. É por meio do monólogo dramático que as classes subalternas negras entram no poema. Não se trata, como acusaram alguns críticos, de simples transcrição folclórica, mas de um intenso e calculado trabalho de construção. É esse trabalho que pretendo investigar na tradução de poemas de Hughes, a partir de uma concepção dialética do eu lírico, que não é anterior ao poema mas é inventado pela e na escrita (Combe, 2009-2010)

A proximidade do sujeito lírico ao assunto/situação exposta no monólogo dramático é, simultaneamente, o distanciamento do sujeito biográfico que opera essa construção; que recua para objetivar-se em um personagem. Assim explica Alain Sinfield, na pequena história literária que faz desse subgênero: “o monólogo dramático é uma maneira especialmente imediata de apresentar um personagem”, que “permite um modo oblíquo de expressão e uma experiência de leitura excepcionalmente provocadora” (Sinfield, 1977, p. 76, tradução e grifo meus).

Aqui, chegamos ao outro polo do movimento de construção do eu lírico: o monólogo dramático não deixa de ser também veículo para a própria voz do autor, que, sobretudo na poesia modernista, deixa seus artifícios expostos, faz-se sentir no texto. Assim, o monólogo dramático, principalmente a partir do Modernismo, não é nem plenamente uma afirmação do *eu* biográfico, nem uma completa objetificação do *eu*: “Ficção e autoexpressão são igualmente fundamentais para a arte. Ao trabalhar na fronteira entre elas, sem conceder o território inteiro a nenhuma das duas, o monólogo dramático convida a uma contínua reconsideração de suas reivindicações e capacidades”. (Sinfield, 1977 , p. 76, tradução minha) .

Palavras-chave: Langston Hughes; monólogo dramático; lírica e sociedade; raça; classe.

2) TEXTOS FUNDADORES DA RECEPÇÃO CRÍTICA LUSO-BRASILEIRA DE JOÃO CABRAL

Solange Fiuza (CNPq – UFG)

João Cabral de Melo Neto, desde a publicação de *Pedra do sono* e ainda em Recife, empenha-se de algum modo para que sua poesia chegue a outros poetas, escritores e críticos do Brasil e de Portugal. Esse empenho, que evidencia o desejo do poeta de estabelecer uma interlocução com criadores e críticos, de ser lido e reconhecido nos dois países, realiza-se já nos anos 60, com a sua canonização luso-brasileira. No princípio da construção da narrativa dessa canonização, duas resenhas ocupam um papel central, a de Antonio Candido sobre *Pedra do Sono* e a de Vitorino Nemésio sobre *O engenheiro*. A resenha de Candido, publicada em 1943 no jornal *Folha da Manhã*, de São Paulo, constitui a primeira crítica fora do nordeste sobre Cabral. Nela, o crítico pressente, no jovem estreante, a promessa de um grande poeta, e funda, antes de se definir o estilo do autor, um determinado modo de lê-lo segundo um critério de valor ainda hoje predominante na sua recepção crítica. Além disso, essa resenha, conforme reconhece em entrevistas o próprio Cabral, foi-lhe um estímulo e, pode-se dizer, influenciou de certo modo os rumos assumidos por sua poesia. A resenha de Vitorino Nemésio, publicada no *Diário Popular* de Lisboa em 1949, constitui a primeira publicação sobre Cabral em Portugal. Nemésio evidencia em *O engenheiro* aspectos que tendem a ser minimizados por boa parte da crítica posterior, a qual, escrita depois de se definir o estilo do autor, frequentemente projeta, nesse livro, aspectos só plenamente definidos a partir de *Psicologia da composição*. Proponho acompanhar essas duas resenhas, procurando evidenciar os critérios de valor que subjazem a ambas e o papel delas na recepção do poeta.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; recepção luso-brasileira; Antonio Candido, Vitorino Nemésio

3) Uma voz sitiada: a mulher que fala na poesia de Corola, de Claudia Roquette-Pinto

Luciana Henrique Mariano da Silva

Doutoranda-Universidade de Brasília/ Instituto Federal de Brasília

Resumo

A poesia de Corola, de Claudia Roquette-Pinto traz um repertório visual de elementos que compõem e habitam o jardim, captados por um olhar míope, de referências difusas e uma sintaxe igualmente imprecisa, lacunar, com interrupções bruscas nos cortes dos versos. Um cenário que poderia tradicionalmente trazer refúgio e segurança nos é apresentado em paisagens angustiantemente diáfanos, posto que não nos oferecem um chão referencial, mas uma sobreposição vertiginosa de sons e imagens, recorrentes narrativas de queda, em cuja virtualidade lírica nada sobra ou falta. Essa paisagem é entrecortada por uma voz engasgada, rouca, frequentemente interdita, anulada, que procura agarrar-se inutilmente à própria enunciação e às “coisas” concretas do poema – flor, cigarras, grilos, o fio do pensamento, corpo –, com as quais forma uma tênue linha coesiva. O “jardim simulado” de Corola dá pistas da “inviabilidade de um sujeito capaz de delinear os terrenos do eu e do outro, da intimidade e da sociedade e ainda dizer classicamente a hora histórica de seu desmoronamento, ou fracasso”, como afirma Iumna Simon em “Consistência de Corola” (2009). Esta voz afásica manifesta uma consciência prévia de sua inutilidade enunciativa, mas se reitera numa resistência contrafóbica, que estuda um mal estar sempre latente que ao mesmo tempo intimida, desafia e atrai. Parece estar sempre “atenta” ao choque, como que à espera, e ao mesmo tempo em que reconhece a inutilidade de proteger-se – são muitas as paredes, muros, invólucros e peles ali evocadas –, de algum modo apara o choque, o antecipa e provoca. Procuraremos compreender de que modo esta voz, que não se autoimpõe ou autodeclara, compõe a estrutura lírica, de modo a tornar-se quase um personagem das pequenas narrativas poéticas. Além disso, buscaremos captar, no timbre desta mulher que fala, a possível formulação de um mal-estar social mais amplo, sintomático de nossa contemporaneidade, adensado na situação feminina.

Palavras-chave: poesia contemporânea, voz lírica, Claudia Roquette-Pinto, mal estar social.

4) DIÁLOGO NECESSÁRIO, DIÁLOGO IMPOSSÍVEL: A VOZ TESTEMUNHAL NA LÍRICA DE GUERRA DE FERNANDO ASSIS PACHECO

Marcelo Ferraz de Paula (PPGLL-UFG/ UPorto)

RESUMO: Nesta comunicação propomos debater algumas marcas testemunhais da obra do poeta português Fernando Assis Pacheco, sobretudo do livro *Catalabanza, Quilolo e Volta* (1976). Combatente na Guerra Colonial, o poeta foi um dos primeiros a expor, por meio de sua produção lírica, a rotina terrificante dos campos de combate angolanos e a penúria e descrença dos soldados portugueses enviados para as matas africanas com a missão de defender o anacrônico projeto colonial salazarista. Dentre as características mais comentadas de sua obra – como a ironia, a variação de vozes e registros linguísticos e a ausência de qualquer resquício épico na representação poética da guerra – selecionamos como núcleo de nossa análise a contundente dramaticidade de seus poemas. Tal aspecto não passou despercebido em sua fortuna crítica, na qual se destacam nomes como Margarida Calafate Ribeiro, Manuel Gusmão e Fernando Martinho. A recorrente figuração de um interlocutor a quem a voz poética se dirige e com a qual dialoga, por meio de artifícios retóricos diversos, configura, por excelência, uma das principais marcas estilísticas de Pacheco. Seja nos constantes enfrentamentos com a figura do pai/nação, na exigência ética de lembrar o horror da guerra que o sujeito poético lança diretamente aos pósteros, seja ainda no “monólogo a dois”, à maneira de Drummond, ou na interpolação a um leitor fictício enredado na tessitura lírica de seus poemas. Resgatando e comentando leituras já presentes em sua recepção, propomos, contudo, um novo enfrentamento da questão recorrendo à tradição de estudos sobre o testemunho, mobilizando o conceito para analisar as oscilações da voz poética de Assis Pacheco e as múltiplas relações de denúncia, corresponsabilidade ética, transmissão e confissão que esta voz estabelece com a figura do(s) outro(s) constantemente interpolado(s) em sua poética.

Palavras-chave: Fernando Assis Pacheco; Testemunho; Voz Lírica; Guerra; Ética.

5) O SUJEITO LÍRICO ENTRE A POESIA E A MÚSICA NA PAULICEIA DESVAIRADA

Luana Uchôa Torres (Doutoranda - Universidade Federal de Goiás)

RESUMO: Neste estudo discutimos sobre como se configura a subjetividade lírica na obra *Pauliceia Desvairada* (1922) do poeta Mário de Andrade. Entendemos que a incidência do pensamento musical no poético é um aspecto importante na constituição desse sujeito lírico, pois reconhecemos o contexto modernista como um lugar de diálogos, uma época de convergência e correspondências das artes. A proposta dos modernistas era negar o convencional, romper com as tradições poéticas e promover inovações artísticas. Mário de Andrade explicita tais ideias em sua obra, quando, por exemplo, rompe com o verso tradicional. Em seu Prefácio Interessantíssimo, ele comenta sobre a proximidade entre harmonia e polifonia musical com os processos de simultaneidade na poesia. Ele

traz à tona, por exemplo, o conceito de harmonia, que na música se refere a sons simultâneos, mas na poesia se desenvolve pelas imagens simultâneas. Nesse sentido, a aliança poesia e música é um dos fatores que provocou a ruptura do verso melódico tradicional. Por consequência, isso trouxe certo espanto para o leitor que estava acostumado com o verso mais sintático, mais alinhado. A poesia com esses aspectos parece ser dissonante, como numa atmosfera arlequina, e exige um leitor mais crítico, que participe recifrando o poema. Nesses versos harmônicos, o sujeito lírico não mais se apresenta como um bloco monolítico, ele se apresenta fragmentado, poliédrico e desvairado. A voz do bardo na Pauliceia é ficcionalizada e assume várias máscaras ou personas. Ela referencia a si mesma, mas também sai de si para cantar o mundo. O objetivo do nosso estudo é demonstrar tais características dessa subjetividade. Para tanto, a discussão se fundamentou, principalmente, nos estudos de Dominique Combe (1996), Michel Collot (1997), Jean-Michel Maulpoix (2000), Octavio Paz (2013) e Malcolm Bradbury (1989).

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade Lírica, Modernismo, Pauliceia Desvairada, Mário de Andrade.

6) Um outro rio... com discurso! A epístola do São Francisco, de Dantas Mota

Vagner Camilo

Universidade de São Paulo

Resumo: Inscrito no quadro do que se convencionou chamar de geração de 45, com frequência execrada pela crítica, por seu projeto poético restaurador, Dantas Mota (1913-1974) só em parte parece se afinar com tal projeto. Ainda que relegada a segundo plano, como muitas dos novíssimos que lhe eram contemporâneos, sua obra foi saudada positivamente por nomes de peso, a exemplo de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Este último, inclusive, prefacia a recolha mais completa da produção lírica do poeta de Aiuruoca (MG) já publicada.

De suas Elegias do País das Gerais, interessa, por ora, o Quarto Livro, intitulado “Epístola do São Francisco aos que vivem sob sua jurisdição, no vale” (22.1.1953 – 8.12.1954), com que o poeta das Gerais conferiu visibilidade literária ao grande rio, tal como o fizera João Cabral com o Capibaribe ou mesmo Mário, com o Tietê.

Originalmente, a epístola foi publicada em separado pela Livraria Editora Martins, num volume de 1955 ilustrado por Aldemir Martins. Recorrendo à forma da elegia epistolar, Dantas Mota delega a voz poética ao próprio rio para que ele narre sua história, bem como as intervenções e transformações radicais a que foi sujeitado. Nesse processo de ficcionalização da voz poética, cabe examinar o estatuto social desta e daqueles a quem

ela interpela diretamente, tensionando distintos interesses e perspectivas de classe. Cabe examinar, ainda, essa voz fluvial fluir na contracorrente do discurso e da ideologia de Estado sobre esse mesmo "rio da integração nacional", como foi oficialmente denominado.

Desse modo, tendo consagrado seus versos a um subgênero que voltou a ser tão explorado pelos poetas de 45 a ponto de chegar à total banalização, como notou José Guilherme Merquior, a atualização da elegia por Dantas Mota dá-se mediante o enraizamento em um contexto histórico-geográfico particular, explorando dramas, perdas e conflitos específicos dessa realidade, e levando adiante o projeto modernista de "redescoberta" do Brasil "profundo" e de denúncia de suas mazelas.

Em momento posterior, interessa contrapor o discurso lírico que Dantas Mota constrói pela voz do rio a outras modalidades discursivas produzidas no mesmo período sobre a realidade sócio-política do velho Chico, como a das Ciências Sociais, em pleno processo de profissionalização, com o estudo de comunidade local promovido por David Pierson (1900-1995), sob os auspícios da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), onde o sociólogo norte-americano veio lecionar, e do Institute of Social Anthropology/Smithsonian Institution (ISA/SI), dentro da política de boa vizinhança promovida pelo governo Roosevelt.

7) Carlos Drummond de Andrade: poema para um Rei negro

Fábio Cesar Alves

Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo da pesquisa é o de investigar a presença de múltiplas vozes e graus de ficionalização na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Em um primeiro momento, o foco recairá sobre a produção dos anos 1970, menos considerada pela crítica se comparada à dos períodos anteriores. Valendo-se de procedimentos formais que o acompanham desde a estreia (como o desdobramento de vozes notado originalmente por José Guilherme Merquior), Drummond por vezes radicaliza a ficcionalização do eu poético. É o caso do poema "Fala de Chico Rei", do livro *Discurso de primavera e algumas sombras* (1977), cuja análise poderá desvelar as razões pelas quais o poeta concede voz a um dos principais líderes negros da Vila Rica do ciclo do ouro, articulando o recurso formal às imposições históricas do momento da escritura.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; ficcionalização na poesia; múltiplas vozes.

8) “As falsas aparências líricas de homem que aceita tudo”: poesia, biografia e endereçamento em Manuel Bandeira

Wilson José FLORES JR. (UFG/FAPEG)

Resumo: O tema mais recorrente – porque inescapável – das discussões em torno da poesia de Manuel Bandeira são as relações entre sua poesia e sua biografia. Embora seja consenso de que essas relações em Bandeira são mais acentuadas do que em outros grandes poetas brasileiros, a crítica explorou pouco um aspecto essencial do problema: as diferentes e muitas vezes contraditórias formas como o autor dirige-se a seu público e como representa a si mesmo como poeta. Essas divergências são índices de que as referências pessoais, literárias, históricas acionadas pelo poeta devem ser problematizadas em função das questões em jogo à época de cada declaração sua, de sua relação com o público a que seus diferentes textos se destinavam e dos diferentes meios em que os textos foram veiculados. No conjunto, como se procurará discutir, a imagem resultante é mais matizada que a do "poeta menor", inescapável e acentuadamente lírico, que se compraz por levar “à angústia de muitos uma palavra fraterna”.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; poesia moderna brasileira; biografia; ficcionalização; recepção.

9) FALAS & MAIS FALAS NA POESIA DE DRUMMOND:

POLIFONIA, DIALOGISMO E FICIONALIZAÇÃO DO EU E DO OUTRO

Prof. Dr. Antônio Donizeti PIRES

(UNESP/Araraquara / CNPq)

adpires@fclar.unesp.br

Na poesia brasileira, vários são os artifícios de que se valem os poetas para a presentificação e/ou a figuração do outro como interlocutor do sujeito poético, seja através da constante invocação a alguma Musa; da inserção de tal ou qual *persona* a quem a voz lírica se dirige (muito da poesia de Gregório de Matos); da criação em gérmen de personagens, com o total ou parcial apagamento do eu lírico (as cantatas e idílios de Cláudio Manuel da Costa; muitos poemas de Manuel Bandeira, como “Tragédia brasileira”, “Poema extraído de uma notícia de jornal”, “Namorados”); ou do uso de apóstrofes e vocativos (tão ao gosto de Castro Alves ou Cruz e Sousa).

Porém, é com a vasta obra de Carlos Drummond de Andrade que a ficcionalização das relações eu x outro torna-se mais complexa, numa conseqüente problematização do endereçamento lírico: a quem se dirige o sujeito poético, este ente feito de referencialidade e ficcionalidade, quando enfatiza um tu e um vós em “Procura da poesia”, por exemplo? Este dirigir-se a um tu (ausente; talvez projetado no leitor; em desdobramento do eu) é muito constante em Drummond, que também se vale de praticamente todos os procedimentos tradicionais acima. Ademais, o monólogo dramático da voz poética drummondiana é quebrado, amiúde, quando o eu multiplica-se em nós (“Conclusão”); ou eleva o próprio poeta a personagem ficcional de vários poemas (“Poema de sete faces”); ou cria uma série de personagens em ação, com nomes próprios ou não (“Quadrilha”, “Caso do vestido”, “O padre, a moça”); ou vale-se de personagens históricas reais (o santeiro Alfredo Duval, de “Confidência do itabirano”); ou dá voz a objetos inanimados (aos sinos, em “Romaria”); ou forja um eu lírico feminino (“Desdobramento de Adalgisa”) etc. Todos esses artifícios (que apenas começamos a estudar), para além da mera exploração do dialogismo e da polifonia vocal (ou coral), parece acenar para o desvelamento dos sentidos ocultos da História, da sociedade e da precária modernização brasileira, pois exacerbam os conflitos entre subjetividades, gerações, gêneros, etnias, classes sociais, espaços rurais e urbanos.

Palavras-chave: Poesia brasileira; Drummond; Polifonia; Dialogismo; Ficcionalização; Endereçamento lírico.

10) Invisibilidade e simulação da audiência no poema em prosa de Cruz e Sousa

Simone Rufinoni – USP

A prosa poética de Cruz e Sousa elabora, de modo singular e complexo, os conflitos da subjetividade do homem de letras negro entre as promessas de inserção social e as reminiscências da escravidão. Afastado do reconhecimento social e literário, sua obra em

prosa, misto de ficção e confissão, delinea, pelas malhas da vida privada tornada práxis coletiva, o drama da *invisibilidade* da alteridade negra, simulando o diálogo e o interdito espaço público, local por excelência da aquisição da subjetividade legítima. Poemas como “Asco e dor”, “Emparedado”, e “Consciência tranquila”, cortados pelo *páthos* dramático do poeta mártir, ao mesmo tempo eleito e excluído, dândi e pária, emulam a interlocução e a *audiência* que a história lhe negou. Na figuração desse peculiar concerto de vozes, nota-se a opção pelas imagens ctônicas, grotescas ou satânicas, mais aptas à apreensão do significado latente da vida social.

Palavras-chave: Cruz e Sousa; alteridade; invisibilidade; audiência.

11) A voz e o silêncio de Severino: a violência contra o pobre em Morte e Vida Severina

Antônio Marcos V. Sanseverino (PPGLetras / UFRGS)

Resumo: A presente comunicação se constrói a partir da leitura de duas falas de Morte e Vida Severina. Logo após a chegada em Recife, Severino escuta a conversa de dois coveiros, quando um deles diz que os retirantes “vêm é seguindo seu próprio enterro”. A seguir, em um monólogo, diz que aprende que “nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o sertão, meu próprio enterro eu seguia”. Ao final, depois do nascimento do filho, Mestre Carpina responde à pergunta de Severino, qual diferença faria se saltasse “fora da ponte e da vida”. É a última vez que fala do retirante durante o auto. A fala de Mestre Carpina contrapõe-se ao silêncio de Severino no encerramento deste auto de natal. A trajetória de Severino e o processo de individualização articulam-se na onipresença da morte, mortes violentas de outros tantos severinos. A partir dessa recuperação, o poema é analisado no contexto de publicação dos anos 1950, expressão negativa da modernização conservadora. Seja no agreste, seja na zona da mata, os camponeses são silenciados pela bala mortal. Mesmo na zona da mata, verde, a Usina (enquanto modernização da produção do açúcar) lança uma sombra mortal, que ecoa no funeral do lavrador. Enquanto ponto de chegada da trajetória de Severino, Recife reafirma a presença da condição precária no nascimento de mais um miserável. O retirante desloca-se à cidade em busca de vida e reencontra a mesma exclusão, o mesmo destino mortal reservado aos miseráveis.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto; Morte e vida Severina; silêncio; modernização conservadora.

12) Poetas da periferia paulistana: as novas gerações

Jefferson Agostini Mello

Universidade de São Paulo



Università
degli Studi
di Perugia



Resumo: A comunicação explora a voz poética da nova geração dos assim chamados escritores periféricos da periferia de São Paulo, mais especificamente as obras de Allan da Rosa, Dinha e Michel Yakini. Ao contrário dos poetas e escritores da geração anterior, que tem Sérgio Vaz e Sacolinha como representantes, essa geração, apesar de ainda polígrafa, trabalha, na poesia, em uma perspectiva um pouco diferente: no plano temático, restringe os temas da pobreza e da vida precária na periferia e evoca, no lugar, a ancestralidade africana, o erotismo, a cultura popular e, ao mesmo tempo, a tradição literária brasileira, articulando, assim, proximidade a um eu autorial, que se coletiviza e se multiplica - e distanciamento, uma vez que insere o cânone literário - i.e. a poesia consagrada - como mediador de textos ditos divergentes. Após a descrição e análise dos recursos utilizados, pergunta-se sobre o papel das trajetórias dos poetas na elaboração dessa poética, comparando, igualmente, com os itinerários da geração anterior.

Palavras-chave: poesia; periferia; voz poética